

e como esta se relaciona com a Guerra de Tróia. Evoca-se igualmente Eurípides, para quem Helena não fora a causadora da guerra troiana, visto ter sido raptada pelos deuses e levada para o Egipto. Esta questão é também abordada no capítulo XI. No capítulo IX, analisa-se a obra de Górgias e a forma como o sofista apresenta a sua defesa de Helena, ao afirmar que seria Eros, no sentido do desejo sexual, a estar na origem da Guerra. Teria sido Eros a levar as personagens a agir da forma como agiram. Tanto Eurípides como Górgias se focam na beleza de Helena como sendo algo positivo e não negativo, e Blondell mostra-o de forma eficaz.

No último capítulo, Blondell retoma a ideia de Isócrates, segundo a qual Helena estaria já condenada para o resto da sua vida desde o seu nascimento, e essa condenação acabou por se manifestar não só nas artes plásticas, mas também na literatura e na música. Blondell afirma que são muitas as obras que referem a beleza de Helena, como por exemplo, um dos poemas de Óscar Wilde, escrito em 1881. No mesmo contexto, Blondell considera o mito de Helena como tendo reencarnado no cinema através de figuras como Brigitte Bardot e Elizabeth Taylor. Parece-nos que é neste capítulo que conseguimos perceber qual a ideia fundamental da autora nesta obra. Apesar de ter sido ou não a causadora da Guerra de Tróia, Helena é uma das personagens que mais marca a história da cultura grega, tendo sido por seu intermédio que se realizaram algumas das maiores obras de arte, da literatura ao cinema. Com efeito, muitos foram os que quiseram explorar esta personagem, dada a sua ambiguidade e, em certo sentido, obscuridade. Não deixa de estar no imaginário ocidental a ideia de que teria sido ela a causadora de uma guerra que teria durado mais de dez anos.

Para concluir, queremos apenas reforçar aquela que nos parece ser a ideia central de Blondell: acusada de um dos maiores “acontecimentos” da história da cultura grega, Helena é também uma das personagens mais retratadas da cultura ocidental, talvez pelo seu carácter ambíguo, talvez por ser filha de um deus, talvez por ter causado tantos males aos mortais.

Esta parece-nos ser uma das obras mais significativas para o estudo desta personagem. Nela, sintetizam-se todas as problemáticas em seu redor.

**Patrícia Felizardo**  
*Universidade de Lisboa*

**EMMA STAFFORD** (2012), *Herakles*. (Gods and Heroes of the Ancient World), London/New York, Routledge, xxvi+312 pp. ISBN 978-0-415-30068-1 (£23.99).

Emma Stafford's book is an impressive work. To be able to produce such a comprehensive view of Heracles, with such depth in an average-sized

book, from within the tangle of what might have been the stories of up to 43 individual heroes, mashed up into one, is in itself an accomplishment.

The book is part of the Gods and Heroes of the Ancient World series, and it offers a good overview of the many aspects of the Heracles myth, both in literature and religion in the ancient world, followed by a post-script on reception.

The book is structured according to the different aspects of the hero; following a synopsis of the myth, it offers an in-depth look at the earliest versions of Heracles, namely, his portrayal as the monster-slayer. Chapter one focuses on the twelve labours, chapter two on other myths relating to confrontations with beasts. This might be the most persistent aspect of the hero's myth, and it is certainly the earliest approach to the hero. Then, the author turns to Heracles in drama: chapter 3 focuses on tragedy, chapter 4 on comedy. Of course, these approaches aim to give an overview, but they also bring out the most relevant themes of the scholarship on the subject and include the most relevant fragmentary plays on the hero, which is not always the case. Chapter 3 includes Attic tragedy as well as Seneca and Pantomime. It also includes a part called "visual reflections of tragedy" on how iconography on the myth of Heracles is changed by tragedy. In fact, the fifth-century BC represents a major change for the character of Heracles and it is possible to follow that evolution through the presentation of the myth in the book. Chapter 4 focuses on comedy (including Old comedy, middle comedy and satyr plays) and underlines the opposition between the hero of virtue that we find in philosophical reflection (and some tragedies) and the hero of vice portrayed in comedy and in the transformation of Heracles into a romantic hero.

Chapter 5 offers an overview of the utilisation of the myth of Heracles for political ideology and the legitimization of claims to power. In particular, the use of Heracles as an ancestor and founder of colonies is considered; on the first topic, there is an evolution from the myth of the Spartan kings as descendants of the Heraklidai to the Antonines. Once again, not much detail is given, as it would be impossible in such a study, but the main elements are present. There is a very relevant and interesting discussion on the role of Heracles during the Athenian tyranny and its transition to the democracy.

Chapter 6 gathers the material on the cult of the hero, and its specificity as Heracles was worshipped as both hero and God. Finally, chapter 7 offers a brief look at the reception of the hero, from the origins of Christianity to the contemporary world in various media, from literature and cinema to branding and publicity.

All in all, this book is an excellent overview of the Heracles myth and its implications in the ancient world as well as its ramifications in the contemporary era. It is, of course, an introduction, as that is the aim of the collection, but if it is accessible to a broader audience, it still offers great insight into the

most relevant scholarship on the subject and is full of references to further reading, making it a great introduction for young scholars or for those not quite familiar with all the nuances of the myth of Heracles.

**Sofia Frade**

*Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Clássicos*

**DAVID D. LEITAO** (2014), *The Pregnant Male as Myth and Metaphor in Classical Greek Literature*. Cambridge, Cambridge University Press, 307 pp. ISBN 978110742349-7 (\$95.00).

O tema de partida deste estudo, particularmente original, é uma metáfora: a do homem «grávido». Se o tema é hoje objecto de discussão no âmbito das ciências experimentais e laboratoriais, perseguindo-se a ideia da possibilidade de o homem poder engravidar e dar à luz, não sendo originalmente detentor de órgãos reprodutores semelhantes aos da mulher, não deixa de ser pertinente que já na Antiguidade ele surgia, todavia como metáfora de natureza essencialmente filosófica.

Com efeito, a ideia de um indivíduo dar à luz sem necessidade de recorrer a terceiros aparecia já na mitologia. O conceito é inclusive próximo do de partenogénese e está mesmo subjacente a elaborações mais complexas, como a do nascimento de heróis e divindades sem a intervenção de pais ou mães mortais. Em última análise, a própria problemática da Imaculada Conceição e da virgindade de Maria, na teologia católica, acaba por estar relacionada com este campo de investigação (tema, no entanto, não referido no livro).

No *corpus* mitológico grego, as narrativas em torno de Atena e de Dioniso são as mais naturalmente predispostas à formulação da metáfora em causa. O facto de, segundo a tradição mitológica grega, tanto a deusa da guerra e da sabedoria como o deus do vinho e da *mania* terem sido gerados pelo seu pai, Zeus, remete para a ideia do homem grávido, sem que esse seja, no entanto, apresentado à maneira de uma mulher grávida, mas com especificidades que poderão derivar da estranheza da função em termos naturalmente teleológicos. Assim, Zeus gera os seus filhos na cabeça ou na coxa, e não no espaço de um útero inexistente.

Como salienta, e muito bem, D. Leitao, a metáfora radicou-se posteriormente no âmbito da filosofia e a imagem de um homem, filósofo, que dá à luz ideias e conhecimento acabou por vingar, sobretudo na perspectiva socrático-platónica. Daí também a importância do tema da parteira, pertinentemente trazido à colação neste estudo. Textos como o *Banquete* e o *Teeteto* revelam-se assim da maior importância no percurso seguido pelo autor.